

O CANDEEIRO: INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO POPULAR NO FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE AGROECOLÓGICA NO SERTÃO DO PAJEÚ, SEMIÁRIDO BRASILEIRO

“O Candeeiro”: The popular communication tool in the strengthening of agroecological family agriculture in the “Sertão of Pajeú”, a semi-arid region of Brazil.

Rosy Kátia Souza Gonçalves^{1,2,3}, Helder Ribeiro Freitas^{1,2} e Braz José do Nascimento Júnior^{1,3}

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar como o boletim “O Candeeiro”, instrumento de comunicação da Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA Brasil), fortalece a agricultura familiar e a agroecologia no Sertão do Pajeú. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental na qual se fez o levantamento e análise dos temas e experiências exitosas sistematizadas e publicadas no “site” da ASA Brasil entre os anos 2012 e 2020. Também foi realizada uma entrevista com 17 pessoas que leem e utilizam as informações contidas no periódico analisado. Observou-se que essas práticas e iniciativas envolvem dimensões importantes para o fortalecimento da agricultura familiar no semiárido, com destaque para o acesso à terra e à água, conservação de sementes crioulas e o protagonismo da mulher que demandam ações de políticas públicas de convivência com o semiárido. Conclui-se que “O Candeeiro” promove a troca de saberes e experiências exitosas no Sertão do Pajeú inspirando mudanças.

Palavras-chave: Agroecologia. Comunicação Popular. Semiárido Brasileiro.

¹ Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (CPGExR). Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

² Núcleo de Estudos em Agroecologia: SERTÃO AGROECOLÓGICO.

³ Grupo de Estudo em Plantas Medicinais e Atividades Lúdicas na Educação em Saúde (GEPALES Vale).

E-mails: katiagoncalves93@gmail.com;
helder.freitas@univasf.edu.br
e braz.jose@univasf.edu.br

Recebido em: 15/04/2020

Aceito para publicação em: 08/03/2021

Correspondência para:
katiagoncalves93@gmail.com

ABSTRACT

This work aims to analyze how the bulletin “O Candeeiro”, a communication tool of the articulation in the Brazilian Semi-arid (ASA Brazil), strengthens family agriculture and agroecology in the “Sertão of Pajeú”. This is a bibliographical and documentary research in which the survey and analysis of the successful themes and experiences systematized and published on the ASA Brasil website between the years 2012 and 2020 were carried out. An interview was also carried out with 17 people who read and use the information contained in the analyzed journal. It was observed that these practices and initiatives involve important dimensions for the strengthening of family farming in the semi-arid region, with emphasis on access to land and water, conservation of Creole seeds and the role of women who demand actions of public policies of living with the semi-arid. It is concluded that “O Candeeiro” promotes the exchange of knowledge and experiences in the Sertão do Pajeú, inspiring the changes.

Keywords: Agroecology. Popular Communication. Brazilian Semi-arid.

Introdução

As iniciativas de comunicação popular emergiram dos movimentos sociais na América Latina nos anos 1970 a 1980, também tendo-se evidenciado no Brasil nesse mesmo período, inspirado nas ideias de educação e comunicação popular de Paulo Freire. Nesse sentido, o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), implementado no Semiárido Brasileiro em 2007, possibilitou a constituição e experimentação da democratização da comunicação no meio rural por meio de experiências metodológicas de comunicação popular. Ademais, com a criação da Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA Brasil), no final dos anos 1999, várias estratégias e experiências das famílias camponesas do semiárido brasileiro foram sistematizadas dando base para a proposta da “convivência com o semiárido” como bem relatada por Duque (2008), de resiliência e superação da perspectiva da “luta contra a seca” para a de “conviver com a seca”. Nesse sentido, o surgimento da ASA possibilitou:

Resgatar e divulgar experiências nascidas do saber popular, aprimoradas no diálogo com o saber científico, e transformam as mesmas em referências para propor ao poder público um modelo diferente de políticas públicas. Assim nasceu o Programa de Formação e Mobilização para Convivência no Semiárido: um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), seguido do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). As estratégias camponesas de diversificação das atividades, a constituição de reservas de água, forragem e sementes e os princípios da agroecologia estão na base do modelo de desenvolvimento proposto pela ASA (DUQUE, 2008, p. 133).

Uma das principais estratégias da ASA foi fomentar os processos de comunicação popular para divulgar as experiências e saberes das famílias que promovessem a convivência com o semiárido. Nesse sentido, a ASA constituiu uma rede de comunicadores e comunicadoras populares para atuar junto ao Programa P1+2 nas sistematizações das práticas exitosas de convivência com o semiárido pelas famílias inseridas nas dinâmicas de execução do Programa. A sistematização dos processos socioprodutivos dos agroecossistemas camponeses como ferramenta de construção do conhecimento agroecológico já era uma prática de algumas organizações do campo agroecológico desde o final dos anos 1980, a exemplo da AS-PTA (SILVA et al., 2018).

Para sistematizar tais experiências exitosas de convivência com o semiárido, a ASA Brasil criou o boletim informativo impresso chamado “O Candeeiro”. A sistematização das informações é construída entre o comunicador popular e a família que se dispõe a compartilhar suas experiências, de forma a incentivar outros agricultores a adotarem e/ou ampliarem o uso de práticas socioprodutivas de base agroecológica. Algumas destas práticas passaram a ser adotadas e experimentadas, bem como se buscava identificar práticas de uso e manejo sustentável dos recursos naturais sustentáveis praticadas pelas famílias. Além disso, também nesse processo de sistematização e divulgação de saberes praticado por meio do boletim, procura-se identificar e valorizar os aspectos socioculturais locais.

A definição do objeto da pesquisa é fruto da relação estabelecida entre a pesquisadora, primeira autora do presente trabalho, e a realidade pesquisada, partindo de curiosidades e questionamentos que levaram à reflexão, ora apontada por um conjunto de conhecimentos teóricos e empíricos. O vínculo pessoal da referida autora deste trabalho com a elaboração e publicação de várias edições de “O Candeeiro” ratifica o interesse no estudo dessa temática, dada à percepção no exercício profissional como comunicadora popular, de que este é um importante instrumento de comunicação e fortalecimento da agricultura familiar. Na realização desta pesquisa, foi necessário estabelecer processos de afastamento, reaproximação e reflexão da realidade estudada nas diferentes etapas de análise do boletim “O Candeeiro” e suas contribuições para a promoção da agricultura familiar e convivência com o semiárido no Sertão do Pajeú.

Entende-se que essa pesquisa pode revelar informações importantes para compreender a relação das famílias na sistematização de experiências e saberes populares, bem como da mobilização e interação social promovida por esse instrumento e suas contribuições para o desenvolvimento

sustentável nas comunidades rurais do território Sertão do Pajeú, enquanto universo de análise desta pesquisa. Para buscar entender a influência do informativo na região, partiu-se da seguinte questão: Como “O Candeeiro” contribui para o fortalecimento da agricultura familiar no Sertão do Pajeú.

Entretanto, poucos trabalhos se debruçaram sobre a análise desse boletim e da relação deste com a experiência da ASA no contexto do Sertão do Pajeú sobre tais estratégias de comunicação popular no âmbito da execução do Programa P1+2 e suas contribuições para o fortalecimento da agricultura familiar camponesa no território. Para ancorar o debate teórico, foram consideradas como fundamentação as ideias de Peruzzo (2009), Freire (2013), Tauk-Santos (2019). Esses teóricos apresentam estratégias comunicacionais como necessárias para dar visibilidade às práticas agroecológicas de convivência com o semiárido, vivenciadas pelas famílias agricultoras e fortalecer a comunicação participativa.

Dessa forma, o objetivo desse artigo é compreender, através de pesquisa documental e entrevista, a contribuição de O Candeeiro no fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica no Sertão do Pajeú, localizado no estado de Pernambuco – Brasil. Além disso, também buscou-se compreender como as famílias se relacionam com essa ferramenta de comunicação popular, desde sua construção coletiva mediada pelo comunicador popular, a partir da compreensão da importância de se dar visibilidade às práticas bem-sucedidas de convivência com o semiárido.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: A primeira etapa consistiu na seleção das edições dos boletins “O Candeeiro” publicados no “site” da ASA Brasil, entre dezembro de 2012 e março de 2020. A avaliação contemplou todas as 22 publicações. A segunda etapa foi realizada através de uma pesquisa exploratória e analítica, com 17 pessoas que comercializavam seus produtos na feira agroecológica de Serra Talhada-PE (FAST), buscando-se compreender as ações sociais da agricultura familiar abordadas no contexto das histórias de vida dos agricultores pesquisados. As pessoas foram entrevistadas em seus locais de trabalho, durante a realização da feira, que acontece todos os sábados das 5h00 às 12h00.

A atuação da ASA na comunicação popular no Sertão do Pajeú

As estratégias de comunicação da ASA Brasil representam um esforço da utilização de instrumentos políticos e pedagógicos que visam favorecer a quebra de estereótipos sobre o semiárido e a construção de novas relações para promover e assegurar a qualidade de vida da população, muitas vezes esquecida e carente de políticas públicas que lhe assegurem uma vida digna. Essa questão ganha destaque nos estudos de Peruzzo, que classifica a comunicação popular, não como um tipo qualquer de mídia, mas como “um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares, com caráter mobilizador coletivo presente nos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação” (PERUZZO, 2009, p. 02).

Rotulada pelos meios de comunicação de massa como uma região seca e inviável, e por ser historicamente ‘beneficiada’ por serviços de difusão de inovações tecnológicas, os estudos sociológicos apontam amplos conhecimentos sobre as contradições sociais que alcançam de modo mais destrutivo as populações rurais (MARTINS, 2001). Incorporando novos elementos a estas questões, esse autor aponta que as populações rurais vitimadas pelo desenvolvimento econômico excludente, têm procurado seus próprios rumos. Nesse sentido, ele afirma que...

[...] os movimentos sociais do campo são formas de protesto dos pobres da terra, o clamor dos sem voz porque não foram ouvidos no devido tempo. Eles desafiam a sociologia rural a compreender o protagonismo e a criatividade das populações rurais e a compreender também as saídas possíveis das situações socialmente anômicas em que muitas vezes se encontram (MARTINS, 2001, p. 35).

Segundo Malvezzi (2007), a ASA Brasil estabelece como uma de suas estratégias de mobilização social para a convivência com o semiárido, a comunicação popular. Nessa perspectiva, procura

incorporar às suas práticas, valores e sentidos, adotando a nomenclatura de comunicador popular, oriunda dos movimentos sociais nos anos 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina, fugindo da comunicação tradicional de interesses públicos e partidários, para uma comunicação participativa, construída pelo povo e para o povo.



Figura 1. Exemplar do boletim O Candeeiro. A luz de O Candeeiro.

A Figura 1 mostra o instrumento pedagógico em forma de boletim, elaborado por comunicadores populares, em parceria com as famílias e grupos associativos rurais. "O Candeeiro" é um informativo de duas páginas, frente e verso, construído com as famílias agricultoras numa roda de diálogo que valoriza o protagonismo do (a) agricultor (a). É visto como uma ferramenta de comunicação popular fortalecedora no coletivo das 3.000 famílias que compõem a Rede ASA Brasil. Todas as experiências publicadas são validadas pelas famílias, pois contam suas histórias, conquistas e lutas.

No contexto nacional brasileiro, a relação da comunicação com as políticas públicas para o desenvolvimento rural ganhou destaque na década de 1940. Por meio de articulação política, foi organizada a Associação Brasileira de Créditos e Assistência Rural (Abcar), e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), em seguida, o governo criou um sistema de comunicação rural, segundo os preceitos do Manual de Planejamento do Trabalho em Extensão Agrícola, de Willy Timmer (1954) que recomendava persuadir as populações rurais a aceitar a propaganda (TAUK-SANTOS, 2012).

Ao analisar os princípios dessa comunicação, o pedagogo Paulo Freire (2013), em seu livro "Comunicação ou Extensão?" aponta um novo modelo de comunicação com a possibilidade de uma práxis que promovesse o encontro dos sujeitos cognoscentes, mediatizados pelos diversos mundos num processo de comunicação dialogada. Esse diálogo com os atores sociais possibilita seu empoderamento

e a autonomia através da comunicação participativa, que leva à compreensão política na luta por direitos.

Segundo o “site” da ASA (ASA BRASIL, 2021), a continuidade desses programas sofre ameaças no atual cenário político brasileiro e a ferramenta de comunicação aqui analisada pode ser excluída da vida das famílias agricultoras, já que vêm ocorrendo cortes nos recursos das atividades do Programa P1+2. Cabe ressaltar que o principal financiador desse programa é o governo federal brasileiro.

Ao ratificar a importância da comunicação no fortalecimento do desenvolvimento local, Tauk-Santos e Callou (2019, p. 12) consideram que

As organizações, cujo objetivo principal está relacionado à promoção do desenvolvimento local, devem considerar a necessidade de pensar as estratégias de comunicação, para a mobilização social, mediante um caminho previamente planejado, orientado e coordenado.

Nesse sentido, Tauk-Santos (2012) resgata que a teoria da comunicação dialógica e libertadora de Paulo Freire constitui um divisor de águas na teoria da comunicação como persuasão, quando aponta que a mudança nesse modelo seria resultante de um processo no qual os atores sociais seriam o objeto da mudança. Então, passa-se a ver a comunicação como prática dialógica, que concebe a mudança como uma ação ativa dos atores envolvidos no processo, empenhados, no dizer de Freire, na transformação constante da realidade (FREIRE, 2013).

A comunicação dialógica incorpora novos elementos que interessam ao enfoque dessa pesquisa e, como reforça Tauk-Santos (2012), admite que, ao privilegiar o diálogo na comunicação e a valorização do indivíduo como sujeito da mudança, Freire desloca a noção de mudança, enquanto processo induzido, para o patamar de processo a ser construído pelos atores sociais envolvidos. Compreensão que será fundamental para a Comunicação Popular não apenas naquele momento histórico vivido pela América Latina a partir dos anos 1970, como também para a perspectiva do desenvolvimento local que a Comunicação Popular rural tenta construir (TAUK-SANTOS, 2015).

Incorporando novos elementos que interessam ao enfoque dessa pesquisa, Peruzzo (2009), reflete que a comunicação construída pelos movimentos sociais são experiências comumente denominadas de comunicação participativa, dialógica, educativa, horizontal, comunitária.

[...] Trata-se de uma comunicação provinda de segmentos populacionais subalternos, que também pode ser percebida em suas singularidades a partir de outros ângulos, como do conteúdo, do formato, da propriedade e controle coletivo da gestão, do nível de participação popular, do público destinatário que se converte em emissor, da finalidade e da linguagem (PERUZZO, 2009, p. 133).

Nesse sentido, Freire (2013) aponta que a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão de conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado. Por sua vez, esta é uma comunicação que se faz criticamente. Para Demo (1999), os estudos e a ação da comunicação popular se constroem associados à ideia de participação, compreendida aqui como uma conquista garantida a partir de sua reivindicação, criação e recriação permanentes.

Antes de adentrar no conceito da comunicação no fortalecimento das bases prioritárias da agricultura familiar, Abramovay (1998) destaca que não existe uma definição de agricultura familiar, mas existem três atributos básicos que devemos entender. A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de parentesco.

[...] Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1998, p. 146).

A escolha do processo comunicacional adequado minimiza ruídos e favorece a eficiência dialógica das tecnologias, podendo ser o rumo para a prática do desenvolvimento e manutenção da sustentabilidade no setor, ao proporcionar meios para uma comunicação rural (VIEIRA et al., 2015). Nesse sentido, a ASA Brasil se orienta pela perspectiva da agroecologia (DUQUE, 2008) e promove a produção agrícola de base ecológica, de modo que os processos e propostas de desenvolvimento e intervenção sejam socioambientalmente contextualizados e livres de agroquímicos.

“O Candeeiro” como ferramenta de comunicação popular aponta para possibilidades de ampliação das experiências exitosas de convivência com o semiárido orientadas pela agroecologia por meio da sua divulgação no território. A comunicação popular orientada pelos princípios freireanos, que promovem a agroecologia e convivência com o semiárido, incorpora a viabilização da gestão dos processos comunicacionais para promover a concertação dos atores sociais envolvidos no desenvolvimento local (CALLOU, 2013).

Assim, mesmo com os avanços tecnológicos no século XXI, o acesso à informação comprometida com o desenvolvimento local ainda é difícil para os agricultores. Contudo, a necessidade de informação e serviços on-line no meio rural tem levado as famílias agricultoras a buscar novos meios para o acesso às políticas públicas, às inovações tecnológicas e às práticas agrícolas (VIEIRA et al., 2015) resguardando-se as disparidades de acesso ainda pouco estudadas na realidade da agricultura familiar brasileira.

Metodologia

Caracterização da área de estudo

O Semiárido Brasileiro (SAB) é um território heterogêneo, que transcende a região Nordeste do país, onde vivem 27.870.241 milhões de pessoas, correspondendo a 11,8% da população brasileira de nove estados (AL, BA, CE, MG, PB, PI, RN, SE) e se estende até a parte setentrional de Minas Gerais, no Sudeste. Essa região ocupa uma área de 1.128.697 Km², o que representa 13,25% do território nacional e corresponde a 1.226 municípios (IBGE, 2017). Essa região apresenta como peculiaridade aspectos edafoclimáticos dentre os quais podem se destacar as adversidades climáticas de seca e baixa precipitação pluviométrica anual, o que também implica em vegetação decídua evidenciada nas diferentes feições da “Caatinga” (SIQUEIRA-FILHO et al., 2012) e diversidade pedológica com implicações importantes para o estabelecimento de agroecossistemas no âmbito da agricultura familiar.

O Sertão Pernambucano possui características intrínsecas à sua geografia e, dentro desse contexto, se divide em três territórios: O território do Araripe, o território do São Francisco e o território do Pajeú. A denominação Rio Pajeú (de origem tupi “rio do curandeiro”) atravessa parte dos dezessete municípios revelando significativa importância para o povoamento dessa parte do semiárido brasileiro (BARROS-JÚNIOR, 2014).

As experiências exitosas de convivência com o semiárido das famílias agricultoras que participaram desta pesquisa foram registradas em comunidades rurais, comunidades remanescentes de quilombo e assentamentos agrários nos municípios de Custódia, Mirandiba, Triunfo, Parnamirim, São José do Belmonte, Salgueiro, Santa Cruz da Baixa Verde, Serra Talhada e Quixaba. Essas experiências foram sistematizadas nas edições do “O Candeeiro” como apresentadas na análise cartográfica e espacial, destacando-se os municípios de Serra Talhada, Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, localizados

no território do Pajeú com o maior número de comunidades da agricultura familiar e assentamentos agrários (Figura 2).

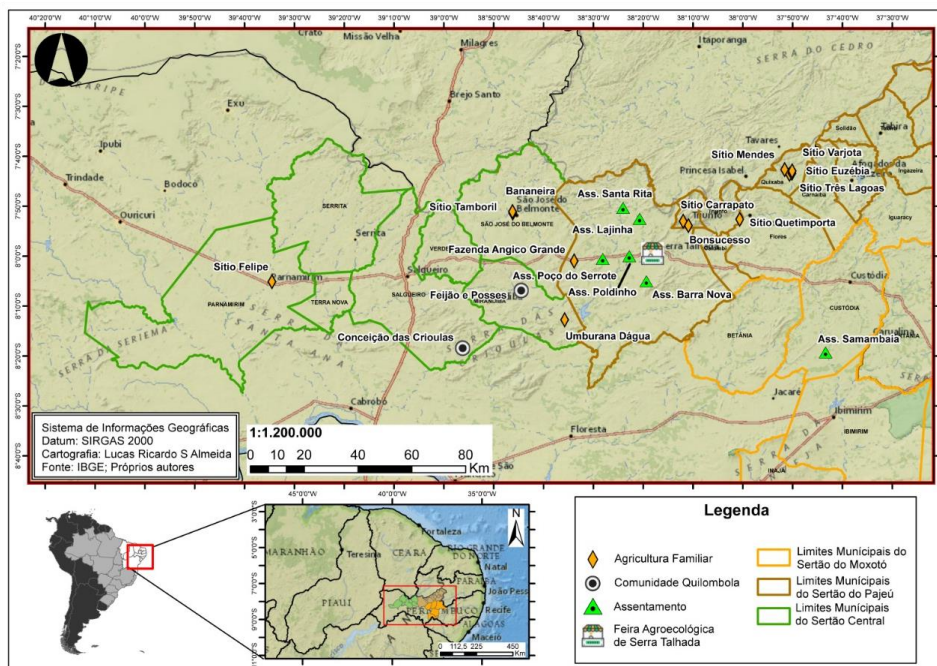


Figura 2: Mapa das comunidades rurais de atuação no Sertão do Pajeú com experiências de convivência com o Semiárido, segundo os boletins de “O Candeeiro” entre 2012-2020.

Fonte: Brasil (2011).

Para evidenciar as experiências de convivência com o semiárido sistematizadas no boletim “O Candeeiro”, foi construída uma linha do tempo com o número de edições publicadas no “site” da ASA. Nesta, evidenciam-se os temas definidos pelas famílias agricultoras e o Centro de educação comunitária rural (Cecor) entre dezembro de 2012 e abril de 2020. Nesse período totalizaram-se vinte e três mil exemplares do boletim distribuídos junto a famílias agricultoras do semiárido. Pode-se observar que o número de edições varia de um ano para outro, em 2014, por exemplo, foram publicadas nove experiências; já em 2015, apenas três (Figura 3).

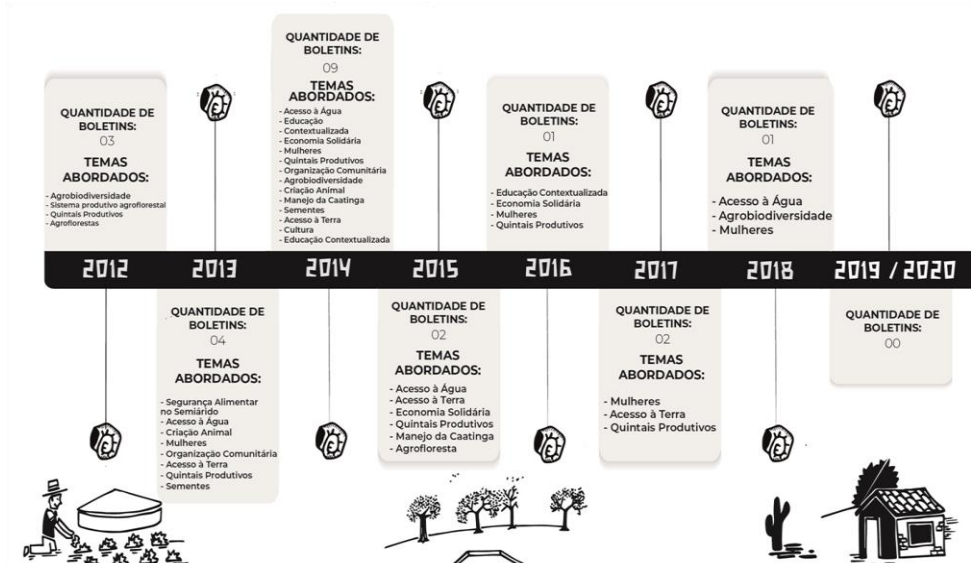


Figura 3. Linha do tempo das publicações do boletim “O Candeeiro”.

O Cecor é uma organização não governamental, localizada no município de Serra Talhada-PE o qual tem o objetivo de desenvolver, implantar, organizar e disseminar práticas agrícolas e comercialização de produtos agroecológicos, promovendo sustentabilidade e oferecendo meios para sobrevivência digna de famílias de agricultores no Sertão do Pajeú.

Delineamento da pesquisa

A pesquisa realizada foi exploratória, descritiva e explicativa. Quanto aos fins, esta pesquisa é considerada exploratória e descritiva, dada à busca por levantar informações e detalhá-las possibilitando a análise do papel do boletim/informativo “O Candeeiro” como estratégia de comunicação da ASA Brasil no processo educativo das ações de assessoria técnica e extensão rural. Assim sendo, a presente pesquisa procura fazer uma análise descritiva para a qual se exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Também tem caráter de pesquisa explicativa, pois se preocupa em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos sociais investigados (GIL, 2007), no âmbito das práticas de comunicação popular na extensão rural. Nesse sentido, busca entender conceitos e ideias envolvendo levantamento bibliográfico, documental e vivência empírica na participação das sistematizações do período estabelecido para investigação. Assim, o universo de análise do processo metodológico se dividiu em duas etapas: documental e entrevista.

Pesquisa documental

A pesquisa documental foi realizada em duas etapas: A primeira etapa consistiu na seleção das edições dos boletins “O Candeeiro” sistematizadas pelos comunicadores da ONG Cecor, publicados no “site” da ASA, entre dezembro de 2012 a abril de 2020. Os dados foram coletados no período de 10 de setembro de 2018 a 7 de fevereiro de 2020. A análise dos dados se deu por meio da técnica de análise descritiva, investigando “Candeeiro” como estratégia de comunicação popular da Articulação. A análise teve como objetivo selecionar todas as manchetes (títulos), temas e experiências sistematizadas nas edições dos candeeiros, classificadas pelos números das edições publicadas por ano. A segunda etapa teve caráter exploratório, por meio das edições publicadas, tendo como objetivo analisar as ações sociais da agricultura familiar abordadas no contexto das histórias de vida no campo da produção sustentável.

Entrevistas

As entrevistas tiveram início após a apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEDEP). O projeto foi aprovado no dia 29 de abril de 2019, com o CAAE 06802919.4.0000.5196 e Número do Parecer: 3.290.986.

Participaram 17 agricultores da feira agroecológica de Serra Talhada-PE (FAST) que foram entrevistados individualmente em local reservado, com a utilização de um questionário semiestruturado que abordava aspectos gerais, além de perguntas que buscavam saber da importância do boletim “O Candeeiro” nas suas vidas.

Caso fosse expresso o interesse em participar, era apresentado ao participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, uma para a pesquisadora e uma para o participante, assegurando todos os preceitos éticos que envolvem a pesquisa, como confidencialidade, sendo respeitado o sigilo aos dados pessoais do participante em todos os estágios da pesquisa, respeito ao participante, ponderação dos riscos e benefícios conhecidos e potenciais, além de garantia de que danos previsíveis e não previsíveis seriam evitados e/ou indenizados caso ocorressem, como dispõe a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes receberam um nome de hortaliça para que suas identidades não fossem reveladas.

Resultados e discussão

As entrevistas semiestruturadas

Participaram da pesquisa 17 pessoas que comercializam produtos agroecológicos na feira de Serra Talhada-PE. Em relação à faixa etária, um tinha entre 20 e 30 anos; sete tinham entre 31 e 40 anos; três tinham entre 41 e 50 anos e seis tinham entre 51 a 60 anos. Em relação ao gênero, 15 eram mulheres e 2 homens. Em relação à escolaridade, nove tinham ensino fundamental; quatro tinham o ensino médio; um possuía ensino superior e três não eram alfabetizados. Em relação à renda, 13 recebiam até um salário-mínimo e 4 disseram que ganham mais de um salário-mínimo.

Com esses resultados, percebe-se que a maioria dos entrevistados era mulher, de meia idade, baixa escolaridade e baixa renda. Esses achados estão de acordo com Amorim et al. (2018), que afirmou que as mulheres são protagonistas no manejo dos quintais produtivos, pois são elas que participam ativamente de todo trabalho realizado nessas áreas, através de estratégias individuais e coletivas, com base no compartilhamento de conhecimentos; saberes do manejo no uso tradicional do solo e comercialização dos produtos excedentes.

Comunicação para o fortalecimento da agricultura familiar no Pajeú: Os efeitos do boletim *O Candeeiro*

O Boletim é uma troca de experiências entre os agricultores. A gente tem informações de outros agricultores que a gente não tem. A gente se mantém informado. O boletim é simples, direto e para quem trabalha como agricultor é fácil de entender. Os assuntos que mais gosto nele é as dicas sobre agrofloresta e economia solidária (QUIABO).

Percebe-se uma linguagem de fácil compreensão entre os atores ao narrarem as práticas agroecológicas muitas vezes adquiridas nas atividades do P1+2, como é o caso dos intercâmbios de experiências de convivência com o semiárido. Notou-se, ainda, que a metodologia pedagógica foi ratificada no processo de construção participativa entre as famílias e o comunicador popular nas escolhas de temas relevantes que merecem atenção pelo contexto, como organização comunitária, mulheres, acesso à terra, agrobiodiversidade, economia solidária, agrofloresta, educação contextualizada, manejo da caatinga e acesso à água.

Não sei lê, mas quando recebo “O Candeeiro” minhas filha lê para mim e eu gravo tudo na cabeça. As histórias incentivam a gente em tudo. Tudo que fala no ‘O Candeeiro’ está certo porque comprovo. Tenho horta desde os 15 anos. Gosto das histórias dos agricultores que é para quem ler saber o quanto o agricultor sofre para trabaia e por comida na mesa. Gosto porque divulga o trabaio da gente. Nossa vida é sofrida, mas é honesta. A gente pode até tirar cópia e distribuir (risos) (ABOBRINHA).

Podemos perceber pelo relato de Abobrinha que “O Candeeiro” é um meio de comunicação familiar entre o agricultor que já sabe seu objetivo e o público receptor. O conteúdo é visto como relevante dentro da realidade dos agricultores que se sentem protagonistas dessas histórias e multiplicadores das experiências que fortalecem a agricultura familiar de base agroecológica no semiárido.

Assim sendo, o conceito de comunicação, tal como expressa Paulo Freire na relação entre o pensamento e a linguagem materializada pelos agricultores nas narrativas dos boletins possibilita a troca de saberes que garantem melhorias na vida rural: Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. Nessa perspectiva a comunicação [é] a “coparticipação dos sujeitos” no

ato de pensar que implica numa “reciprocidade” que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo (FREIRE, 2013).

A figura 4 traz elencadas as experiências exitosas de convivência com o semiárido no fortalecimento da agricultura familiar. Foi possível identificar que as histórias dos agricultores desse território fazem parte da luta diária por direitos à terra, água, políticas públicas que lhes assegurem a soberania alimentar e nutricional. Conviver com o semiárido consiste no desenvolvimento de ações que permitem a fixação de pessoas em localidades castigadas pela seca, amenizando os fatores decorrentes, como fome, miséria e êxodo rural. Essas ações são efetivadas através de políticas públicas e iniciativas locais que estimulam e colaboram no fortalecimento da agricultura familiar, em tecnologias adaptadas ao Sertão e em formas de abastecimento e armazenamento de água, como construção de cisternas pluviais e para água de caminhão pipa, com isso, garantindo um consumo hídrico de qualidade para uma vida saudável e digna.

Experiências exitosas de convivência com o Semiárido sistematizadas no boletim O Candeeiro:

 <p>Criação Animal Aves, caprinos e ovinos são criados pelas famílias como garantia alimentar, sustentabilidade orgânica e economia do sistema na produção de esterco e aumento na renda. (O Candeeiro, n° 1714).</p>	 <p>Preservação da caatinga A preocupação constante das famílias agricultoras para manter o solo fértil, a vegetação original verde e a criação animal sem devastar as plantas nativas como umbuzeiros, juazeiros, angicos e aroeiras. São adotadas técnicas de pouso por respeitar as condições naturais da terra. (O Candeeiro, n° 1714).</p>
 <p>Cultivo e comercialização de plantas medicinais São adotadas pelas famílias como agentes de melhora ou cura de sintomas relacionados a saúde do homem e dos animais, geração de renda e preservação do meio ambiente. (O Candeeiro n° 2315).</p>	 <p>Produção de biogás O Biodigestor é uma alternativa de convivência com o semiárido adotada para gerar gás e adubo por meio do reaproveitamento de detritos. Também chamados de biogás e biofertilizantes, o biodigestor funciona com restos de alimentos e fezes de animais, acrescidos de água. (O Candeeiro n° 1903).</p>
 <p>Banco de Sementes A Conservação e preservação de sementes crioulas para autonomia produtiva agroecológica, resistência à apropriação das sementes transgênicas e conservação do patrimônio rural pelos guardiões de sementes crioulas. (O Candeeiro, n° 1715).</p>	 <p>Produção de alimentos sem venenos A produção para o consumo familiar de verduras, legumes e frutas em quintais produtivos sem uso de agrotóxicos, utilizando a mão de obra familiar, e a comercialização do excedente nas feiras agroecológicas garante geração de renda às famílias. (O Candeeiro n° 1101).</p>
 <p>Beneficiamento de amêndoas O associativismo vem proporcionando autonomia às 21 famílias que apostaram no uso das amêndoas como garantia de renda, a partir do extrativismo consciente e a construção da unidade de beneficiamento 'Casa do Coco' onde é produzido cocada, bolo de coco, óleo e leite de coco, o sabão, entre outros. (O Candeeiro n° 2327).</p>	 <p>Produção de uvas orgânicas Os caminhos para a experiência dar certo começaram com o acesso à terra, limpeza do solo, abertura das covas, preparação do esterco e a utilização da técnica microaspersão, método de irrigação em que a água é aplicada na área ocupada pelas raízes da planta. (Candeeiro, n°1901).</p>
 <p>Multiplicação de palma forrageira A técnica de multiplicação de raquete vem sendo repassada como meio de garantia alimentar nos sistemas de criação de caprinos e ovinos no período de estiagem prolongada e geração de renda às famílias que não podem comprar a palma-semente no mercado. (Candeeiro, n°1710).</p>	 <p>Feiras Agroecológicas Solidárias, as feiras são espaços estratégicos de comercialização de produtos agroecológicos que fortalecem a organização comunitária, sobe a coordenação das próprias famílias, com importância sociocultural por manter a diversidade cultural popular, soberania alimentar e nutricional. (O Candeeiro n°1899).</p>

Figura 4: Experiências exitosas de convivência com o semiárido sistematizadas no boletim “O Candeeiro”.

Observou-se que tais práticas representam um fator importante para a formação de organizações comunitárias destas famílias, estabelecendo assim, uma relação mais equilibrada com o meio em que vivem. Nessa mesma perspectiva, é válido destacar que a experiência de maior destaque abordada nas edições foi a produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos em quintais. O quintal produtivo, termo muito utilizado por organizações da sociedade civil para denominar os quintais das famílias agricultoras que são sistemas agroflorestais (AZEVEDO, 2012).

Essas unidades produtivas são majoritariamente manejadas pelas mulheres cujo trabalho é de fundamental importância para a renda familiar, conservação da biodiversidade local, além de garantir a segurança alimentar das famílias (SILVA et al., 2016).

No decorrer das narrativas que se seguem, pode-se notar que a produção de alimentos sem agrotóxicos como frutas, hortaliças, legumes, grãos, polpas de frutas até o reaproveitamento dos alimentos para consumo animal, é estimulada pelo boletim e outros métodos agroecológicos são ensinados aos agricultores.

O Candeeiro é feito de agricultor para agricultor! Lendo o Candeeiro aprendi um bocado de receita de defensivo natural, manejo, cuidar melhor da água, dos quintais produtivos, do solo, da agroflorestal. O que mais gosto no Candeeiro são as receitas, mas tudo é importante! Mudamos nossa vida através da agroecologia! Produzimos o biogás, o biodigestor e o biofertilizante. Nossa história foi contada no Candeeiro de março de 2015 (RÚCULA).

Leio O Candeeiro com facilidade. Aprendi várias dicas de como produzir alimentos sem uso de agrotóxicos e de como se defender das pragas que atacam as hortaliças e fazer cobertura morta para proteger as plantas. Mas o que mais gosto é de compartilhar essas experiências com outras pessoas. Gosto muito das fotos e também gosto quando a gente sai por aí e o povo diz que nos viu no O Candeeiro. Foi um que a gente fez sobre o aniversário de 14 anos da FAST em julho de 2014 (SALSA).

Outros assuntos contextualizados pelas famílias foram as dicas de criação animal, cultivo e comercialização de plantas medicinais, banco de sementes, beneficiamento de amêndoas, multiplicação de palma forrageira, preservação da caatinga, produção de biogás adubação orgânica, plantio consorciado, redes e cooperativas de beneficiamento, irrigação por gotejamento. É importante realçar que esse conjunto de práticas é prioridade para o desenvolvimento da agricultura familiar em bases agroecológicas para manutenção da fertilidade e sustentabilidade dos agroecossistemas. Elas visam à manutenção ou aumento da fertilidade dos sistemas produtivos, menor nível de dependência dos insumos externos e redução dos custos da produção (FONTANÉTTI et al., 2010).

Observou-se que a efetivação dessas práticas representa um fator importante para a formação de organizações comunitárias. Dessa forma, as investigações sobre a comunicação popular implicam a necessidade da teoria abarcar os processos no contexto mais amplo em que se realizam. Assim, a comunicação popular deve ir além do estudo do meio comunicativo em si mesmo (...), pois a dinâmica social na qual este se insere é que vai lhe dar significados (PERUZZO, 1998).

Aprendo pegando lições de vida das pessoas que contam as histórias no informativo. A linguagem é bem simples, de dito popular! Estou sempre aprendendo novas experiências de como cultivar e evitar pragas. O que mais gosto são as histórias dos agricultores e as transformações que têm. Tiro o máximo possível de tudo que chega. Aprendi a fazer os canteiros que aproveitam água, o galinheiro central aproveitando o espaço e os canteiros suspensos (TOMATE).

Para as famílias agricultoras do semiárido, a carência de informação vem sendo enfrentada com a priorização da comunicação nas organizações da ASA Brasil, através de iniciativas envolvendo diferentes meios e métodos. Assim, tem sido trabalhada a criação de “sites”, programas de rádio e das redes sociais de “O Candeeiro”. Esse instrumento permite a sistematização das histórias de “Marias” e “Joões” do semiárido e pode ser compreendida como uma proposta de desenvolvimento que prioriza a multiplicação de saberes entre as famílias rurais, os comunicadores e os técnicos que prestam assessoria nos vários contextos da agricultura familiar no semiárido.

Considerações finais

Constata-se que o boletim “O Candeeiro” contribuiu para o fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica no Sertão do Pajeú, dando visibilidade às práticas de convivência com o

semiárido na medida em que há o uso e a apropriação pelas famílias junto aos seus processos de sistematização e divulgação, bem como, pelas intervenções mediadas por esse meio de comunicação popular. Assim, foi possível constatar, também, que as famílias inseridas nas dinâmicas dos Programas P1MC e P1+2 se relacionam com naturalidade com essa ferramenta.

Percebe-se a importância do seu papel na permanência dos Programas P1MC e P1+2 como garantia da segurança alimentar e nutricional, geração de renda, autonomia e desenvolvimento local por meio da construção de cisternas, assessoria técnica das organizações, aliada aos saberes dos agricultores.

No âmbito da contribuição para o fortalecimento da agricultura familiar, percebe-se que as práticas agroecológicas como base para a produção de alimentos no semiárido, a partir de estratégias adaptadas no manejo do escasso recurso hídrico em articulação com os demais componentes dos agroecossistemas, ganham relevância como pauta no conjunto das temáticas do boletim. O que demonstra a importância sociocultural e econômica da agricultura familiar camponesa do semiárido e suas práticas de cultivo fomentadas pelos programas da ASA Brasil.

Dar visibilidade a tais práticas, modos de vida e estratégias de convivência com o semiárido também é importante para os processos de comunicação popular nos espaços rurais numa perspectiva de mobilização para a transformação social e política, na quebra de estereótipos relacionados às condições de vida no semiárido, ao acesso a serviços essenciais e tecnologias sociais que promovam o aumento na produção de alimentos, bem como acesso ao crédito rural e à assistência técnica contínua.

Ao analisar as temáticas abordadas nos boletins, foi possível constatar uma relação de confiança mútua entre as famílias agricultoras e os comunicadores populares no processo pedagógico de sistematização das experiências. As estratégias para a multiplicação de informações se pautam na escolha das vivências, fotografias, na devolutiva do boletim à família e na distribuição dos exemplares como continuidade dos processos de comunicação das organizações.

Considerando os 23.000 exemplares das edições do boletim produzidos e distribuídos entre 2012 e 2020, foi possível inferir que as práticas agroecológicas da agricultura familiar ganharam reconhecimento como segmento social por ser uma das principais atividades de produção das famílias contempladas com os programas da ASA Brasil. Destaca-se o trabalho da mulher, sozinha ou acompanhada, na gestão da água para produção diversificada de alimentos agroecológicos nos quintais produtivos, criação de animais, preparo de fertilizantes naturais, comercialização nas feiras agroecológicas e como provedora da família. Além de destacar sua participação ativa nos movimentos sociais na luta por direitos.

Por tais inferências, este trabalho reafirma a importância do boletim “O Candeeiro” como estratégia para alcançar os objetivos da Rede ASA Brasil para o fortalecimento da agricultora familiar no semiárido. Ademais, cabe ressaltar a necessidade de aprofundamento nas pesquisas envolvendo esse tipo de instrumento de comunicação popular em programas e projetos de assessoria técnica e processos de desenvolvimento local em que as experiências e os atores sociais sejam colocados como protagonistas.

A proposta metodológica trabalhada no âmbito da produção e divulgação do “O Candeeiro” como boletim informativo do Programa (P1+2), demonstra ser uma iniciativa efetiva de multiplicação de experiências exitosas de base agroecológica nas comunidades rurais inseridas no P1+2, o que incita novas iniciativas em outras realidades para o fortalecimento da democratização da comunicação no campo e na cidade.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviços públicos: novos desafios para extensão rural. **Caderno de Ciências & Tecnologias**, Brasília, v. 15, n. 1, p.137-157, jan./abr. 1998. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8932/5051>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- AMORIM, J. B. B; et al. As mulheres do sertão pernambucano e seus quintais produtivos agroecológicos. **Cadernos de Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF**, v. 13, n. 1, jul. 2018.

- ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA BRASIL. **Acervo: o Candeeiro**. 2017. Disponível em: <http://www.asabrazil.org.br/acervo/o-candeeiro>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO - ASA BRASIL. O Programa Cisternas garantiu continuidade e recuperação das cidades e sobrevivência para a agricultura familiar. Disponível em: https://www.asabrazil.org.br/imprensa/giro-pela-imprensa?artigo_id=9231. Acesso em: 27 de abr. de 2021.
- AZEVEDO, M. A. **A construção do conhecimento agroecológico por agricultores familiares e técnicos em serviço**: uma análise a partir da centralidade da experimentação em quintais produtivos no cariri paraibano. Recife - PE, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/7110204/A_construcao_do_conhecimento_agroecologico_por_agricultores_familiares. Acesso em 13 de set. de 2021.
- BARROS-JÚNIOR, G. **Relatório Analítico Simplificado da Situação Ambiental no Alto Pajeú – Trecho de Afogados da Ingazeira a Brejinho**. Afogados da Ingazeira: 2014.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú**. Brasília, 2011.
- CALLOU, A. B. F.; TAUKE-SANTOS, M. S. **Extensão Rural-Extensão Pesqueira**: estratégias de ensino e pesquisa. Recife: FASA, 2013.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA RURAL - CECOR. **Encarte técnico**. Disponível em: <http://www.cecor.org.br/Portal>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA RURAL - CECOR. **Juventude Semeadora - Protagonismo Juvenil Rural na Revitalização do Riacho Olho d'Água, Santa Cruz da Baixa Verde - Semiárido Pernambucano**. Textos: Serra Talhada, PE. CECOR –Centro de Educação Comunitária Rural: 2013. Cartilha. Disponível em: https://www.cecor.org.br/imagens/cartilhas/Cartilha_Final_1.pdf. Acesso em 13 de set. de 2021.
- DEMO, P. **Participação é conquista**. 4ª ed. São Paulo: Cortez. 1999.
- DUQUE, G. “Conviver com a seca”: contribuição da Articulação do Semiárido/ASA para o desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 17, p. 133-140, jan./jun. 2008. Editora UFPR.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 89 p. Recurso digital.
- FONTANÉTTI, A.; SANTOS, I. C. Manejo da fertilidade do agroecossistema e a sustentabilidade da agricultura familiar. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 31, n. 254, p.7-13, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário de 2017**- Rio de Janeiro, v. 7. p. 1-108. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf. Acesso em 13 de set. de 2021.
- MARTINS, J. S. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 31-36. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a04.pdf>. Acesso em: 31 de março de 2021.
- MALVEZZI, R. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007. (Coleção Pensar o Brasil)
- PERUZZO, C. M. K. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária, e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108/1247>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SILVA, C. A. O. *et al.* Sistematização de experiências na promoção da convivência com o Semiárido: a experiência da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/965>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- SILVA, D. V. A importância das mulheres para os quintais agroflorestais da comunidade rural Cabeça Branca no município de Sumé, Paraíba, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19664/13305>. Acesso em 13 de set. de 2021.
- SIQUEIRA-FILHO, J. A. **Flora das Caatingas do Rio São Francisco: História natural e conservação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, v. 1. 2012.
- TAUKE-SANTOS, M. S. **Políticas Públicas de Comunicação para Desenvolvimento no Contexto Rural Brasileiro do Século XXI**. In: XXXV Intercom. Fortaleza, 2012.
- TAUKE-SANTOS, M. S. Comunicação, economia criativa e desenvolvimento local: a experiência do 'Núcleo de Comunicação Bombando Cidadania. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, n. 2, Jul./Dez., 2015.
- TAUKE-SANTOS, M. S.; SILVA, C. A. O. Representações sociais sobre Mulheres no Boletim da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). In: TAUKE-SANTOS, Maria Salett; CALLOU, A. B. F. (Org.) **Travessias acadêmicas das tecnologias de comunicação para o desenvolvimento**. Recife: FASA, p. 519 - 530, 2019.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, S. C.; et al. A relevância da comunicação rural na difusão de informações para a agricultura familiar: um estudo de caso do "CODAF". **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 11, n. 2, p. 168 -183, 2015.